

## *Identidades, Festas e Espaços dos Imigrantes em Petrópolis, RJ, e suas Relações com a História do Turismo e da Cidade.*

Revista Rosa dos Ventos  
6(2) 263-279, abr-jun, 2014

© O(s) Autor(es) 2014

ISSN: 2178-9061

Associada ao:

Programa de Mestrado em

Turismo

Hospedada em:

<http://ucs.br/revistarosadosventos>



*Elis Regina Barbosa Angelo<sup>1</sup>*

### RESUMO

O presente trabalho objetiva estudar as atividades culturais que identificam os imigrantes, considerando as especificidades dos grupos que formaram espaços físicos distintos na cidade de Petrópolis, Rio de Janeiro. A construção destas diferentes atividades culturais trouxe, por meio de seus bens materiais e imateriais, a formação de suas heranças culturais, visualizadas nas variadas manifestações que percorrem desde a criação de espaços físicos, suas festas, seus valores, hábitos e tradições até a construção de sentido do turismo cultural, propriamente dito. A apropriação turística dos objetos culturais da Cidade Imperial trouxe muitas mudanças no cotidiano da população local, favorecendo um perfil de resistência ao Turismo e à prestação de serviços, ao mesmo tempo em que a vocação para a atividade e seus segmentos é substancial. Assim, este trabalho procura trazer a discussão das raízes identitárias, visualizadas nas construções materiais e imateriais reconstruídas temporal e espacialmente que, além de identificar os grupos e defini-los, busca interpretar na formação histórica da atividade, os meandros que se

**Palavras-chave:** Turismo.  
História do Turismo. Festas.

<sup>1</sup> **Elis Regina Barbosa Angelo** – Doutora. Professora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e no Consórcio CEDERJ/ EaD. E-mail: [elis@familiaangelo.com](mailto:elis@familiaangelo.com)

correlacionam com a aptidão versus vocação.

Imigrantes. Petrópolis, RJ. Brasil.

## ABSTRACT

**Identities, Feasts and Spaces of Immigrants in Petrópolis, RJ, and its Relation with the Tourism History and with the City** - This paper aims to study the cultural activities that identify immigrants, considering the specificities of the groups that formed distinct physical spaces in Petrópolis, Rio de Janeiro. The construction of these different cultural activities brought through their tangible and intangible assets the formation of their cultural heritage, viewing the varied manifestations which run as creating physical spaces, their parties, values, habits and traditions through the construction of the meaning of cultural tourism itself. Tourist appropriation of cultural objects of the Imperial City brought many changes in everyday local population, encouraging a resistance profile to tourism and services, although the vocation for the activity and its segments is substantial. Thus, this paper seeks to bring the discussion of identity roots, visualized in the material and immaterial constructions, reconstructed temporally and spatially that, in addition to identifying the groups and define them, seeks to interpret historical background of the activity, the intricacies correlate with aptitude versus vocation.

**Keywords:** Tourism. Tourism History. Feast. Immigrants. Petrópolis, RJ, Brazil.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca pensar a cidade de Petrópolis, RJ, a partir de sua formação identitária e espacial, por meio de pesquisa qualitativa, partindo da revisão bibliográfica de obras já publicadas sobre seu histórico e sobre sua formação territorial, além dos processos de imigração, ainda não descortinados na distribuição das histórias e memórias comuns. Apresenta uma abordagem sobre a constituição do município, seu histórico e sua formação, além das formas de organização dos espaços e das festividades que corroboraram na sua transformação turística, levando em consideração a expressividade e legado da Família Real brasileira, que ali conviveu no século XIX. Como metodologia também foi utilizada a observação participante dos eventos criados para salvaguardar os grupos imigrantistas, discutindo sobre os processos de transformação da cidade e dos impactos socioculturais advindos do Turismo. Como considerações e direcionamentos da pesquisa se encontram as relações entre memória (Halbwachs, 1990), *habitus* (Bourdieu, 1989), identidades (Hall, 2000), turismo (Barretto, 2000) e território (Rolnik, 1992) no contexto da observação participante (Malinowski, 1976) e dos processos de imigração (Seyferth, 1990).

Sendo a observação participante considerada um método da Antropologia que consiste na inserção e aceitação do pesquisador por parte do grupo/indivíduo ou contexto na participação efetiva dos eventos do grupo a ser analisado, essa forma de entender a cidade busca não apenas compreender o contexto, mas o movimento, a lógica própria que move cada um deles

em seu cotidiano. No caso dessa pesquisa, a observação foi favorecida pela residência da pesquisadora ser na mesma cidade, questão essa que favorece também a criação de laços com as histórias individuais e coletivas e os contextos e lutas pelo espaço. Essa metodologia foi considerada adequada por entender que, observar e participar, para qualquer interpretação, favorece respostas mais precisas e menos distanciadas, apesar do distanciamento afetivo do objeto, pois, além das respostas virem com o tempo, aperfeiçoam-se com a observação e a participação. A investigação também contou, como instrumentos de trabalho, com o diário de campo, o gravador, a máquina fotográfica e filmadora e a própria percepção na construção da pesquisa e posterior categorização dos dados. Neste sentido, a obra de Bronislaw Malinowski (1976), *Argonautas do Pacífico Ocidental*, foi a inspiração, o caminho e o marco para essa percepção.

### **A IMIGRAÇÃO, OS VALORES E PADRÕES CULTURAIS NA CONFIGURAÇÃO DOS ESPAÇOS**

A cidade de Petrópolis, RJ, foi construída por meio da organização espacial de fazendas que, na atualidade, configuram-se como bairros; ela também é conhecida como uma das primeiras cidades planejadas do país. A sua fundação se relaciona à própria história da hospitalidade de Antônio Tomás de Aquino Correia, conhecido como Padre Correia que, ao alojar D. Pedro I durante suas passagens pelo Caminho do Ouro às Minas Gerais, teve seu interesse despertado pelas terras da região serrana (Taulois, 2007).

Essa história começa em 1743, quando o pai de Pe. Correia, Manuel Correia da Silva, comprou as fazendas que iam do rio Parnaíba do Sul até a Serra da Estrela. De seu enriquecimento à mineração de Goiás durante o período das entradas e bandeiras, o fez dono também das terras onde atualmente se encontra a cidade de Pirenópolis, antes uma de suas fazendas. Ao escolher a fazenda do Rio da Cidade para viver, por ser mais perto da Corte, ele se casa com Dona Brites Maria de Assunção Goulão e tem com ela cinco filhos, entre eles dois que se tornarão padres, formados em Coimbra, e três filhas. Os filhos, dentre as quais está Pe. Correia, herdaram significativa quantidade de terras: Santo Antônio, Fazenda das Arcas, Samambaia, Itamarati, Olaria e São José e Retiro (Machado, 1941). D. Pedro I cruzou esses caminhos em viagens feitas por mulas, subindo a serra pela Estrada Velha, e se hospedando na fazenda padre. Esses momentos foram definitivos para que o clima do local, incentivando o deslocamento para a região serrana no verão, e a possibilidade de criação, ali, de espaços mais suntuosos, se tornassem um sonho para a família imperial.

Sobre os primeiros passos do desejo de D. Pedro I em ter na cidade serrana um expoente de veraneio, pode-se dizer que, de suas visitas à fazenda, o primeiro espaço a ser adquirido foi o Córrego Seco, em 1830, tendo posteriormente comprado outras propriedades no entorno, ampliando significativamente suas posses.<sup>2</sup> Sobre suas aspirações na composição dos espaços, pode-se dizer que tinha a necessidade de construir um palácio fora do Rio de Janeiro, seja por

---

<sup>2</sup> “D. Pedro I ainda adquiriu outras propriedades no entorno, no Alto da Serra, em Quitandinha e no Retiro, ampliando a área de sua fazenda. Ele poderia afinal realizar seu sonho de 1822, construindo um Palácio de Verão. Como enfrentava dificuldades políticas na capital, desejando que reinasse paz entre a Nação e o Trono, passou a chamar o seu Córrego Seco de Fazenda da Concórdia, onde pretendia construir um palácio. Encarregou o arquiteto real Pedro José Pezerat e o engenheiro francês Pierre Taulois de um projeto que denominou Palácio da Concórdia, simbolizando a harmonia entre a Nação e o ramo brasileiro da Casa dos Bragança que tanto desejava. Mas a obra não foi realizada, pois no dia 07 de abril de 1831, o Imperador foi obrigado a abdicar para retornar a Portugal” (Taulois, 2007, s.p)

conta das raízes europeias não habituadas ao calor tropical, seja para qualificar sua condição imperial. Apesar de seus anseios não serem efetivamente concretizados por conta da abdicação em 1831, seu sucessor, D. Pedro II, após sua morte em 1834, herdou as terras. Passados alguns anos e depois de uma série de arrendamentos, Paulo Barbosa da Silva, mordomo da Casa Imperial, teve a iniciativa de retomar os planos de Pedro I e construir um palácio de verão. O percurso feito por D. Pedro I, pelo Caminho Novo, já havia ficado em segundo plano, com a construção da Estrada Normal da Serra da Estrela pelo engenheiro alemão Júlio Frederico Köeler, num projeto de melhoria e ampliação do acesso à Fazenda do Córrego Seco.

Paulo Barbosa e Köeler elaboraram um plano para fundar o que ele denominou 'Povoação-Palácio de Petrópolis', que compreendia a doação de terras da fazenda imperial a colonos livres, que iriam não só levantar a nova povoação, mas, também, seriam produtores agrícolas. Assim nasceu Petrópolis com a mentalidade de substituir o trabalho escravo pelo trabalho livre (Taulois, 2007, s.p)

Essa proposta não apenas fundou uma cidade de imigrantes, como também definiu seus espaços, suas características e, especialmente, suas identidades. Os bairros atualmente configurados eram propriedades consideradas como 'fazendas', pelas suas extensas áreas, nas quais foram paulatinamente construídos palácios e mansões e onde o reinado passava boa parte do ano. Para sua construção, alguns arquitetos franceses e ingleses tiveram relevante papel na formatação das suntuosas edificações que prevalecem em grande parte enquanto patrimônio histórico e cultural da cidade.

Ao ser programada como estância de verão da Corte e expressiva na construção de uma sociedade em ascensão, Petrópolis partiu de uma iniciativa do governo central, sendo esta a última iniciativa colonial, haja vista o desinteresse em administrar modelos de exploração dos grandes proprietários de terras, que até então contavam com a mão-de-obra escrava. Com a Lei de Terras, de nº 601, promulgada em 1850 e regulamentada em 1854, a responsabilidade da província pela colonização e imigração discontentava os grandes proprietários, que agora ampliavam a aplicação de seus recursos com pagamentos a trabalhadores agrícolas. Neste descortinar histórico, se encontram os verdadeiros protagonistas da herança cultural da cidade, os imigrantes, tendo como grupo de maior expressão os alemães, primeiros colonizadores da cidade (Seyferth, 2000).

A própria configuração física, por meio das edificações e manifestações culturais, privilegia esse grupo de imigrantes, especialmente pelo conjunto de ações da colonização da cidade. "A primeira estatística da Colônia em 1845 indicava a presença de 15 franceses, 61 portugueses, 7 ingleses e mais 81 brasileiros e 1921 alemães" (Taulois, 2007, s.p.). Destes grupos de imigrantes, alguns acabaram privilegiando espaços e traços de sua cultura, como é o caso dos alemães, que promovem grande parte das festividades anuais e traduzem por meio de seus espaços e atividades, grande parte das características percebidas pelos turistas, seja na arquitetura, na gastronomia ou na construção do imaginário.

A colonização germânica foi a mais expressiva em números, levando a que o engenheiro alemão Júlio Frederico Köeler homenageasse os imigrantes dando nomes de cidades e regiões da Alemanha, aos bairros que ordenou de quarteirões, assim definidos: Mosela, Palatinado, Westphalia, Renânia, Nassau, Bingen, Ingelheim, Darmstadt, Woerstadt, Siméria, Castelânia e Worms, sem esquecer-se das respectivas nacionalidades de outros imigrantes, como os Quarteirão Francês, Suíço e Brasileiro (Taulois, 2007). Nominar as novas terras à semelhança

dos espaços geográficos de seu país natal, acabou por criar uma dimensão de pertencimento com o novo lugar.

A cidade modelava-se por movimentos norteadores de *habitus*, formas, dimensões e critérios dos mais variados grupos de imigrantes, mas tinha na política de configuração preceitos que se criavam e recriavam mediante os contatos culturais. O trabalho era uma forma de concentrar grupos, mas fortalecia essa constante relação de descoberta do outro e de suas formas de ver e viver o cotidiano. Suas relações com a religiosidade, costumes e tradições foi demarcando áreas e formando outras comuns que se definiam por meio das necessidades de sobrevivência. O comércio era um desses exemplos de encontro do outro. Em 1956, Petrópolis já concentrava um relativo número de estabelecimentos.

A educação era baseada em línguas cujas nacionalidades pertenciam à formação da cidade, ou seja, alemã, portuguesa, francesa e italiana. Os portugueses, principalmente açorianos, vieram trabalhar na construção da Estrada da Serra da Estrela, em pedras de cantaria e comércio. Juntamente com eles surgem as floriculturas (Machado, 1941).

Alguns anos após o estabelecimento dos colonos alemães nas terras imperiais destinadas a serem base de uma das mais lindas cidades brasileiras, tornava-se muito intenso o número de portugueses das ilhas, principalmente de São Miguel, que demandavam as regiões do interior. Radicaram-se por todo o vasto território do vale do Piabanha desde os Corrêas até além de Pedro do Rio e espalharam-se pelas terras de quase todas as grandes propriedades rurais que existiam nos vales dos rios tributários daquele. Essas antigas propriedades agrícolas, pertencentes então quase todas a herdeiros abastados que preferiam a vida da Corte à vida ingrata dos campos, entravam já a desagregar-se, passando a constituir melhor negócio o rendimento cobrado a foreiros e a arrendatários. A corrente de imigrantes açorianos, excelentes colonos de ânimo resoluto e robustez de atletas, fôra aliás provocada pelo Governo provincial, sempre empenhado em desprezar o braço escravo, e que mandara vir dos Açores 150 trabalhadores, contratando-os para as obras da ponte metálica de Paraíba do Sul (Machado, 1941, pp.171-174)

Dos bairros onde se formaram os grupos fica hoje o Cuiabá, no distrito de Itaipava, local no qual ainda existe uma irmandade do Espírito Santo, elemento que demonstra os traços culturais do povo açoriano. Outros bairros onde ainda existem reminiscências da fé açoriana são o Alto Carangola e Arraial do Bonfim, em Corrêas (Machado, 1941). Aos poucos foram se juntando a estes grupos os franceses<sup>3</sup>, que começaram a abrir as primeiras padarias, restaurantes e também se dedicaram à confecção de peças de serralheria como as cruzes da Catedral de São Pedro de Alcântara e da Capela de Finados, assim como a inscrição Petrópolis, assinalando o batismo de povoação.

Em 1873, começa o funcionamento da Cia. Petropolitana de Tecidos, indústria que trouxe expressivo contingente de trabalhadores imigrantes italianos para a cidade; com cerca de 1.100 operários, praticamente todos eram de nacionalidade italiana (Mesquita, 2012). Para

<sup>3</sup> “Antes da fundação de Petrópolis em 1830, dois franceses, o arquiteto Pierre Pézerat e o engenheiro Pierre Taulois assinaram o orçamento do Palácio da Concórdia que Dom Pedro I pretendia construir na sua fazenda do Córrego Seco e não saiu do papel por ter sido o imperador forçado a retornar a Portugal. Em 1835, o professor de caligrafia e desenho de Dom Pedro II, M. Louis Boulanger esteve em tratamento de saúde naquela fazenda e registrou: "L'air pur que l'on respire dans cetttes montagnes et dont la fraîcheur rapelle le printemps d'Europe". (O ar puro que se respira nessas montanhas e o seu frescor, são os mesmos da primavera da Europa) Em 1843, outros 59 franceses vieram trabalhar na conclusão da Estrada Normal da Estrela. Eles faziam parte de um contingente que deixou Dunquerque no brigue Curieux para a Colônia do Saí (SC), mas resolveram ficar por aqui” (Taulois, 2007, s.p.).

Martins (1978), os italianos eram expressivos em número e se distinguiam tanto no setor de serviços, quanto em outros, como manufaturas, oficinas diversas, metalurgias, carpintarias e mais contundentemente formando o operariado das grandes fábricas têxteis da cidade. Outras indústrias formaram o que se pode chamar de movimento de atração dos imigrantes, como é o caso da Companhia Cometa, fundada em 1903, foi a quarta indústria têxtil de Petrópolis. Significativamente também composta por operários italianos, muitos dos quais se instalaram na vila operária da Petropolitana (De Cusatis, 1993).

Os ingleses ficaram conhecidos pelo trabalho na hotelaria e nos transportes. Também merecem destaque os imigrantes suíços, belgas e libaneses, completando a formação cosmopolita do petropolitano (Bade & Duriez, 1993). Desses imigrantes, o que se sabe é que, foram contratados para trabalhar na construção da Companhia Petropolitana. Em “1874, mandou-se contratar 3 mestres ingleses – W. Foster, Waring e Thomas Robisson – e um tintureiro daquele mesmo país – Paul Hermann – para que atores já iniciados no trabalho fabril praticado já há muitos anos nas terras britânicas pudessem nortear o trabalho na Companhia Petropolitana” (Mesquita, 2012, p.51).

A transmissão de tradições, de hábitos e valores entre as gerações de pessoas que habitam o lugar interage com as práticas de sobrevivência econômica, social e cultural, à medida que constrói sua realidade com base em um universo de representações. A própria denominação de ruas, lojas e demais representações temporais são elos de formação simbólica, mesmo após a Proclamação da República e o exílio da família imperial. “Os armarinhos que vendem artigos franceses, e os palácios continuam dando sentido a sua função emblemática, parecendo seguir outra lógica, nessa cidade cujo nome já é uma referência ao período monárquico” (Lima, 2001, p.17).

Ao pensar na construção dos espaços geograficamente edificados, tem-se a distribuição por fazendas, as quais posteriormente foram sendo transformadas em bairros, onde as concentrações dos grupos foram sendo organizados dentro de uma dinâmica espacial e cultural. Em números, a cidade se modelava por meio destes espaços.

Em 18/03/1856, conforme o que consta no Relatório Anual do Diretor da Imperial Colônia, Sr. José Maria Jacinto Rebelo, relativo ao ano de 1855 a população de Petrópolis era dividida em duas partes distintas, a saber: colonial e extra-colonial. Nesta época, havia 5010 pessoas, sendo 2704 colonos germânicos e 2306 extra-colonos e entre estes, havia 17 italianos. Em 1862, outro trabalho estatístico, desta vez promovido pelo Major Carlos Augusto Taunay, dava conta da existência de 40 italianos com suas respectivas famílias em Petrópolis. Uma boa parte dos italianos morava nos arredores da Fazenda Quitandinha e dos Quarteirões Siméria e Renânia Superior. Porém, mais tarde, alguns adquiriram terras no Quarteirão Italiano e nas matas destas localidades, exploravam e industrializavam o carvão vegetal (Oliveira, 2004, s.p.).

Toda a região de Petrópolis era um lugar que servia de passagem entre o Rio de Janeiro e Minas Gerais e esse fato veio a fomentar uma trajetória de investidas econômicas para a localidade, transformando caminhos, instalações e outras obras imperiais de relevante edificação para o patrimônio cultural atualmente visualizado. Desde a abdicação de D. Pedro I em 1831, essas propriedades foram sendo transformadas até um arrojado plano urbanístico, que resultou na fundação da cidade em 16 de março de 1843. Em meados de 1850 muitas famílias alemãs, portuguesas e italianas vieram compor a sociedade petropolitana e, a partir

daí, construíram não apenas os lugares de memória, mas as suas marcas e traços culturais, formando suas identidades<sup>4</sup> e ampliando o conceito de cidade e região.

Em 1860 a cidade começa a se configurar em meio a mansões da nobreza carioca e se torna espaço para os encontros políticos e sociais, vai aos poucos se parecendo com as vilas da Europa e com os ares mais sofisticados, isso certamente foi um modelo para a sequência de visitantes (Schwarcz, 1998). Nesse crescimento da região, os alemães construíram a primeira estrada de rodagem do país, a Estrada União e Indústria que liga Petrópolis à Juiz de Fora, MG, em 1861. Dessa nova cidade, criada pelo Império, pode-se inferir que o modelo de passar temporadas, subir a serra em busca de um clima mais ameno e a própria ideia de estar perto do poder, foram elementos imprescindíveis na formação do Turismo que, posteriormente se instalaria na cidade.<sup>5</sup> Petrópolis pode ser referenciada como a cidade que se desenvolveu a partir do fluxo de viajantes.

Após a Proclamação da República e o consecutivo exílio da Família Imperial, a cidade brasileira que mais incorporava a imagem do Império, idealizada e edificada a mando do Rei e que carregava não só o nome, mas uma série de representações que remetiam a Família Imperial tornara-se republicana da noite para o dia. Apesar da nostalgia simbólica estabelecida com o fim do Império, a cidade não se esvaziou economicamente. A industrialização que deu os seus primeiros passos na década de 1870 foi tomando fôlego, apresentando-se de maneira mais consolidada no fim da década seguinte. Além disso, Petrópolis continuou como um importante destino de veraneio, principalmente das elites da então capital (Daibert, 2010, p.36)

Seguindo o exemplo da Família Imperial e dos presidentes republicanos, Petrópolis tornou-se um importante reduto de intelectuais, artistas, nobres e políticos de diferentes épocas que ali estabeleciam suas residências de verão. Essas personalidades se instalaram em palacetes, casas de arquitetura peculiar ou em requintados hotéis, produzindo um espaço urbano bem singular em comparação com aquele encontrado em outras cidades brasileiras. No início do século XX, com a crescente industrialização, o acelerado processo de urbanização, a ascensão da classe burguesa e do trabalho assalariado no Brasil acompanhado da difusão e evolução das vias e meios de transportes, pode-se dizer que a vilegiatura vai aos poucos dando lugar a outro fenômeno: o Turismo (Daibert, 2010). “No início do século XX, as novas camadas sociais como os burgueses, os funcionários públicos, os profissionais liberais se apropriam das práticas e dos lugares do Turismo aristocrático. É desse modo que se estabelece uma relação paradoxal entre o Turismo, invenção da elite, e as práticas do Turismo de massa” (Boyer, 1999, p.9), esse sem dúvida é o começo da busca pela elitização do lugar.

A cidade que se constituía como industrial, começa a modificar sua vocação com o fluxo de visitantes e moradores de veraneio. Os espaços foram paulatinamente sendo apropriados pelo Turismo e o segmento cultural foi também sendo o mais evidente pela própria configuração física, espacial e cultural. Considerando, segundo Daibert (2010), que o turismo de massas em Petrópolis só emerge após a década de 1940, em contexto caracterizado pelo fim da Segunda Guerra Mundial (1945) e com a transformação de outros atrativos como a abertura do Museu Imperial de Petrópolis (1943) e o fechamento do cassino do Palácio Quitandinha (1946), a

<sup>4</sup> Aqui, se considera a leitura de Castells (2001), “do ponto de vista sociológico, no qual toda e qualquer identidade é construída” (p.23), ao mesmo tempo em que são reconstruídas no tempo e espaço.

<sup>5</sup> “Caberá ao filho, Pedro II, inventar a cidade imperial para onde se deslocava nos meses de verão, seguido pela Corte – ministros, funcionários e familiares – e por diplomatas estrangeiros. É certo que seguirão o imperador famílias da elite e figuras que se deslocam para onde se dirige o poder. Aos poucos, Petrópolis se impõe, transforma-se em hábito que terá sua continuidade com a presidência e as figuras gradas da capital federal” (Camargo, 2007, p.70).

cidade teve na sua construção os argumentos, aptidão e vocação para o desempenho das atividades turísticas, formada por todos os diversos segmentos, mas especialmente o histórico e cultural.

Apesar da vocação econômica industrial, a cidade foi se inclinando para o Turismo, mesmo que os moradores locais mantivessem a egrégora do trabalho industrial, conflitando com as novas demandas do Turismo. Os problemas oriundos dessa nova caracterização que se esboçou, criaram alguns desgastes, visíveis no encontro de turistas e moradores. No entanto, também foi uma forma de modificar a economia local, trazendo emprego e renda e reconfigurando aspectos sociais, econômicos e culturais ainda a serem incorporados dentro da dinâmica da cidade e também de sua sociedade. Um dos aspectos que favorecem essa perspectiva de representação pelo segmento cultural é a promoção de festas da cidade. Estas contam um pouco dos processos da e(i)migração e colonização da cidade, trazendo os protagonistas à frente da história da construção da cidade e, porque não dizer, do Turismo.

#### **AS FESTAS ENQUANTO REPRESENTAÇÕES CULTURAIS DOS IMIGRANTES E DE SUAS IDENTIDADES**

Na formação dos aspectos que identificam histórica e culturalmente a cidade e seus espaços, a sua própria configuração espacial revela aspectos que muitos não observam no cotidiano, ao passar pelas ruas, repletas de histórias e memórias, numa diversidade de contrastes e circunstâncias que diferenciam e enriquecem o processo de transformação dos espaços físicos em territórios culturais refletidos na relação dos sujeitos com a formação do lugar. Os hábitos, costumes e valores trazidos pelos mais variados grupos inserem-se na relação com o lugar. A configuração espacial permite um olhar direcionado para as questões da construção do território, pensado como um espaço social vivido, englobando “processos de subjetivação individual e coletiva e não relações funcionais do tipo uso ou relações de uso: aqui lugar de morar; aqui lugar de trabalhar; aqui lugar de circular” (Rolnik, 1992, p.28). A transmissão de tradições, de hábitos e valores entre as gerações de pessoas que habitam o lugar interagem com as práticas de sobrevivência econômica, social e cultural, à medida que constrói sua realidade com base em um universo de representações (Hall, 2000)

O espaço, a construção de territórios e suas peculiaridades são representados pelos sentidos, ao mesmo tempo em que são degustados pela percepção<sup>6</sup>. A percepção é uma forma de resposta dos sentidos aos estímulos externos no qual alguns fenômenos são registrados e outros bloqueados, acredita que a visão é uma experiência, conceitualizada ao associar os sentidos humanos como “traços comuns na percepção ambiental” (Tuan, 1980, pp.7-12), variando de indivíduo para indivíduo, de grupo para grupo, pois estão ligadas à cultura. Mas, todos os indivíduos compartilham de percepções comuns por possuírem órgãos perceptivos similares. Dessa percepção, ou seja, desse sentido da percepção, indiferente da variação cultural, o gosto pelo traço cultural também requer uma forma de interpretar o outro no seu local de produção. A cidade e o que ela produz dizem respeito ao legado traduzido em imagens, valores, gestos, símbolos e sentidos materiais e imateriais, percebidos na sua

---

<sup>6</sup> “Ao utilizar como itens básicos e funcionais da percepção o uso urbano e a imagem física de cidade, a Percepção Urbana, é uma prática com valores culturais que se concretiza com a percepção de um determinado local, num processo de troca entre o observador e o ambiente no qual o visitante é quem atribui significados ao mesmo” (Grinover, 2003, p.13).



configuração social. Os imigrantes deram sabor ao lugar, evocando significados étnicos e geracionais, que a diferem de outros. Um destes sentidos está intrinsecamente ligado às festas culturais que, de certa forma, enfatizam as diferenças culturais dos grupos de imigrantes. Obviamente nem todos os grupos foram privilegiados, mas na cidade, os traços definem as memórias da imigração.

O turista vê nas festas a face das criações imigrantes, quando experienciam a música, a dança, a imagem e os sabores, se deparam com o que reconhecem como percepção do outro. Ao descortinar a cidade por meio de seus bairros, ou áreas conhecidas como espaços de imigração, memórias e comunidades distintas, este trabalho constatou nos sabores das festas as referências de imigrantes e seus descendentes, e ao reconhecer as festas, especificamente a sua utilização pelo Turismo cultural. Um relevante elemento que traz os sabores e sensações alemãs é a Bauernfest<sup>7</sup>, típica festividade representativa das festas alemãs e um dos maiores eventos do gênero, fora da própria Alemanha, define tradições desde a Festa do Colono, até a representação de danças, sons, sabores, odores e movimentos dos grupos que se estabeleceram na cidade desde sua concepção. A Bauernfest surgiu de uma iniciativa da Associação dos Grupos Folclóricos Alemães de Petrópolis, juntamente com a Prefeitura Municipal. Comemorada no dia 29 de junho - data da chegada dos primeiros colonos alemães em Petrópolis (1845), quando também se celebra o Dia do Colono – é uma ocasião em que a cidade se enfeita com tipicidades alemãs, de barracas de comidas típicas, artesanatos e muita dança folclórica, dão um ar de enaltecimento à terra natal.

Os Grupos Folclóricos se apresentam durante as festividades, que se estendem por uma semana. O Koblenz Volkstanzgruppe, fundado em 23 de agosto de 1998, busca sobretudo reverenciar a cultura alemã de Petrópolis, mas que também representa a cidade de Koblenz, da Alemanha, conhecida como a Deutsches Eck (Esquina da Alemanha), por estar situada na confluência dos rios Rhein (Reno) e Mosel (Mosela). Fica no estado Rheinland-Pfalz (Renânia-Palatinado), de onde veio a maioria dos colonos alemães que colonizaram e ficaram na cidade.

Desde o início do séc. XX, filhos e netos dos primeiros colonos organizavam pequenas quermesses em casas e barracões, no bairro Fazenda Inglesa. Eram iniciativas que pretendiam promover um retorno às origens, com música, dança e os tradicionais pratos da culinária alemã. Contudo, em 1983, no Clube 29 de Junho - que reúne os descendentes da colônia - surgiu a ideia de transformar a iniciativa em uma festa que pudesse levar a todos o conhecimento da história e tradições dos alemães de Petrópolis. Assim, naquele ano, o primeiro evento foi realizado, por três dias, com o nome de "Festival Germânico". O ponto escolhido para a realização do festival era simbólico: os arredores do Palácio de Cristal, onde está afixado o cruzeiro que demarca a chegada dos pioneiros. O local era um ponto habitual de reunião das famílias alemãs, que ali realizavam jogos, brincadeiras e piqueniques no final de semana, inclusive por reportá-los a uma outra referência afetiva: o nome do local, Praça da Confluência – assim chamada por ser o ponto geográfico de reunião entre os rios Quitandinha e Palatinado – faz alusão à outra famosa praça

---

<sup>7</sup> “Dona Emygdia Hoelz Lyrio, de 79 anos é presidente do grupo 29 de Junho e pode se considerar uma das criadoras da Bauernfest. ‘Há 30 anos nascia o festival germânico, que teve essa denominação durante três anos. depois ficou festa do colono e, em 1990, foi a primeira edição da bauernfest, quando veio a parceria com a iniciativa pública e se tornou oficial’, ela recorda”. Um pouco de história da Bauernfest com Emygdia Hoelz, domingo, 7 julho 2013. Disponível em: <<http://bauernfest.allenweb.com.br/um-pouco-de-historia-da-bauernfest-com-emygdia-hoelz/>>. Acesso em 10 de janeiro de 2014.

alemã onde também se encontram dois importantes rios, o Rhein e o Mosel: a Praça Koblenz (em alemão, “Confluência”)<sup>8</sup> (Fundação de Cultura e Turismo de Petrópolis, 2010, p. 85)

As primeiras festas eram simples e singelas, realizadas no bairro Fazenda Inglesa. Em 1983 a Bauernfest teve sua primeira edição no Palácio de Cristal. No ano de 1990, a Prefeitura de Petrópolis institucionalizou sua organização e modificou suas características. Apesar disso, a festa ganhou ares de Alemanha e conta com a tradicional culinária alemã oferecendo aos turistas e moradores os seus chucrutes, joelhos de porco, salsichões, *apfstrudel*, muita cerveja e, aos pés da cervejaria Bohemia, modifica o cotidiano da população.

No mesmo dia de São Pedro de Alcântara, padroeiro da cidade e, também, da chegada dos 161 pioneiros germânicos à região da futura Petrópolis. Esta circunstância a transforma numa alternativa turística a outros eventos do gênero, como a Oktoberfest, de Blumenau. Os aspectos que diferenciam a Bauernfest das demais “festas alemãs de outubro” são sua motivação e identidade histórica. A título de esclarecimento: as “festas de outubro” se reportam às realizadas na Baviera, Alemanha, desde 1810, quando o rei promoveu uma distribuição gratuita de cerveja à população, por ocasião do casamento de sua filha. Este ato acabou dando origem às “festas do chopp” – ou Fassbier (cerveja de barril) – realizadas anualmente em Munique, em outubro: as maiores do gênero no mundo, e um dos mais importantes eventos do calendário turístico e cultural daquela cidade alemã. Já a Bauernfest é um evento diretamente ligado à presença germânica no Brasil, com raiz nacional e identidade própria. As histórias contadas às crianças, os teatros de rua realizados, tudo revive a luta, força de vontade, empenho em construir e progredir numa nova terra que caracterizaram a vinda dos primeiros colonos germânicos. Hoje, a música, dança, gastronomia e, em especial, a alegria destes colonos fazem parte do nosso tesouro cultural: são um presente para todos, com os quais seus descendentes compartilham o respeito e gratidão pela condição de genuinamente brasileiros (Fundação de Cultura e Turismo de Petrópolis, 2010, p. 84).

O Obelisco da região central traz uma homenagem aos primeiros colonos que se estabeleceram na cidade de Petrópolis. Nele constam placas com os nomes de cerca de 400 famílias que também protagonizaram a construção da cidade. Os vestígios da cultura alemã na cidade são representativos transformando a Bauernfest numa festa especial para seus descendentes.

Outro sabor da cidade é o italiano, que ao esboçar seus elementos na cidade, cria laços típicos das regiões de onde vieram. Além do bairro Cascatinha, reduto dos descendentes desse grupo, os restaurantes e a presença de elementos na cidade se sobressaem. Em setembro, geralmente na penúltima semana, ocorre a Festa da Itália, em homenagem aos imigrantes e descendentes de colonos italianos. Nesta ocasião, os shows musicais, danças, missa campal, exposição de fotos, comidas típicas vendidas em barracas acontecem no bairro Cascatinha. Após a institucionalização, agora Serra Serata, a festa italiana é promovida pela

---

<sup>8</sup> “A partir de 1990, o Clube 29 de junho e demais organizadores estabeleceram uma parceria com a Prefeitura de Petrópolis, através da Fundação de Cultura e Turismo. O incremento e profissionalização do evento levaram ao seu crescimento exponencial. Desta forma, o antigo Festival Germânico alcançou o formato da atual Bauernfest: um evento de grande importância para o calendário turístico e cultural do estado e do país; com identidade definida; que a cada ano inclui inovações que atraem novos visitantes, bem como seu público fiel. Desta forma, o “burgo alemão” cenográfico cresceu – e apareceu. Na edição 2010, o evento terá maior número de barracas e pórticos, reintegrando totalmente a área do Palácio de Cristal e mantendo o destaque para o seu novo ponto de convergência: a antiga Cervejaria Bohemia, a mais antiga do Brasil e que já faz parte da paisagem do Centro Histórico” (Fundação de Cultura e Turismo de Petrópolis, 2010, p. 85).

Prefeitura de Petrópolis, Fundação de Cultura e Turismo e Casa D'Italia Anita Garibaldi e se realiza desde 2010 na primeira semana de setembro. Ao trazer um pouco das regiões da Itália para rememorar as tradições italianas, especialmente gastronômicas, a festa também prioriza as regiões de onde vieram seus imigrantes. Os restaurantes que representam a culinária típica já evidenciam o gosto pela tradicional cozinha italiana, com cantinas, pizzarias e demais centros de massas, movimentam a cidade e o sabor da Itália no gosto de turistas, visitantes e mesmo da população local.

Entre as representações festivas e comemorativas da imigração encontra-se o Bunka-Sai. O primeiro Bunka-Sai - Festival da Cultura do Japão em Petrópolis aconteceu de 4 a 13 de setembro de 2009. Nesta primeira edição, a festa trouxe as memórias e marcas do Japão na cidade.

A primeira legação do Japão (Representação Diplomática) no Brasil foi instalada em Petrópolis em 1897, comprovando que a cidade manteve relação com o Japão onze anos antes da chegada dos imigrantes japoneses ao Brasil. Sr. Sugimura, terceiro ministro japonês, enviou daqui, um relatório favorável à imigração para o Brasil. Esse ato viabilizou a imigração nipônica. Por essas razões Petrópolis é a cidade que tem a relação mais antiga com o Japão, mas habitantes japoneses e descendentes são poucos - um décimo da média do País. Por isso, a Associação Nikkei de Petrópolis (ANP) convidou em 2008, admiradores da cultura japonesa para participarem da comemoração dos 100 anos da imigração japonesa no Brasil, "Petrópolis Nippon Matsuri", que foi um grande sucesso (Consulado Geral do Japão no Rio de Janeiro, 2010).

A representatividade da cidade para o Japão demonstra um legado de possibilidades para o Brasil, essa responsabilidade muitas vezes não é percebida pelos moradores e turistas ao não visualizarem a cultura pela cidade. Essa representação cultural fornece elementos para entender os processos da e(i)migração nipônica no Estado e no país.

De todas as festas mencionadas, a cidade vai ganhando mais ares de imigração em todas as suas representações, simbologias e traços. O turismo cultural<sup>9</sup> vai ganhando espaço no que se refere à busca de segmentos gastronômicos, especificidades de sabores, odores, visuais, e ao mesmo tempo, dando novos passos no aperfeiçoamento dos grupos dentro do segmento. "As coisas feitas pelo homem constituem a oferta cultural, portanto Turismo cultural seria aquele que tem como objetivo conhecer bens materiais e imateriais produzidos pelo homem". (Barretto, 2000, p.21). Restaurantes do mundo todo começam a maratona para acompanhar toda a informação desses novos turistas cada vez mais convencidos da relevância do sabor da viagem. Petrópolis também participa dessa maratona com suas especialidades, trazendo eventos e divulgando os seus sabores. As festas e os ingredientes especiais da gastronomia propõe isso ao incorporar aos seus sabores os novos sentidos dos pratos, quando o prazer à mesa vem da escolha dos ingredientes certos.

As viagens ganharam o elemento gastronômico como sendo um dos mais relevantes condicionados à busca pela localidade. Os motivos da viagem na maioria das vezes incluem esse segmento. Os sabores, sentidos e sensações das viagens vão aos poucos traçando um

---

<sup>9</sup> IPHAN. *Carta do Turismo Cultural*. (1976). "O Turismo cultural é aquela forma de Turismo que tem por objetivo, entre outros fins, o conhecimento de monumentos e sítios histórico-artísticos. Exerce um efeito realmente positivo sobre estes tanto quanto contribui para satisfazer seus próprios fins – a sua manutenção e proteção. Esta forma de Turismo justifica, de fato, os esforços que tal manutenção e proteção exigem da comunidade humana, devido aos benefícios socioculturais e econômicos que comporta para toda população implicada". p.02. Acesso em 12 de outubro de 2013. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=248>>.

novo perfil de turistas e visitantes e ganhando força na construção de novos segmentos turísticos. A demanda pelas festas apresenta novos olhares sobre a comida, o prato, a construção dos sabores, ingredientes e visuais. A busca pelo sentido da viagem também perpassa o gosto, sabor e sensação, muitas vezes contidos nas memórias de viagens ou até mesmo pelos sabores da infância. A atitude da escolha também favorece a demanda por elementos arraigados na cultura, onde os sabores estão contidos e de onde são colhidos.

A pesar de as festas serem ícones dos grupos culturais formando um verdadeiro patrimônio imaterial, o Turismo ainda precisa ser interpretado pela população local, incorporado em seu cotidiano e evidenciado em suas atitudes, formas e expressões, pois, muito tem a crescer e ser transformado para sua ampliação e aceitação. Outra relação bastante pertinente a essa discussão é a apropriação das festas, pois, com isso a ressignificação e o sentido também acabam sendo alterados pela institucionalização. As crianças alemãs não são mais as mesmas, a incorporação de outros membros da sociedade são facilmente vistos durante as festas, não necessariamente descendentes. A busca pelo Turismo acaba modificando o sentido da festa, mas essa relação é deveras complicada para esse momento, apenas fica clara a participação efetiva das políticas públicas para os seus direcionamentos futuros. De uma forma simplista todos acabam ganhando com essas atividades e a valorização dos traços culturais dos grupos imigrantes e colonizadores também. Fica a indagação sobre o papel da história na transformação das festas.

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS: HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO E DO TURISMO E A VIDA COTIDIANA NA CIDADE EM EVIDÊNCIA**

As atividades turísticas tiveram desde sua concepção na cidade, uma ligação com sua própria formação espacial, especialmente no que se refere às identificações de grupos na cidade. Os bairros, as festas, a língua, os sabores e a própria dinâmica cotidiana, além da geografia e do clima, favoreceram o desenrolar da atividade na história da cidade e do Turismo.

A análise da formação da 'natureza turística' da cidade de Petrópolis, por meio de uma perspectiva histórica, foi o caminho para compreender e identificar a formação cultural enquanto segmento. Dos segmentos artísticos que se tornaram atrativos turísticos e relevantes para a construção da cidade, suntuosas mansões e casas de célebres cidadãos foram incorporando aos bens patrimoniais os olhares de visitantes e moradores. Um pouco da história e memória do Brasil Imperial são um espetáculo à parte. Casas como a de Santos Dumont, de Rui Barbosa, do Barão do Rio Branco, de Nair de Tefé, entre outros, tornaram-se museus, espaços culturais e também atrações para um público que busca na história um pouco de *glamour*.

O trabalho manual e caseiro, exercido pelos contingentes imigratórios, passou em 1880 a indústria, processo que se deu principalmente devido à abolição da escravatura, unindo-se a este alguns fatores decisivos, tais como o crescimento demográfico e o aumento de capital oriundo da produção cafeeira. Desse processo alguns hotéis de grande visibilidade foram construídos, como é o caso do Palácio Quitandinha e do Hotel Bragança.

Muitos espaços foram sendo apropriados pelo Turismo, questão essa que demarcava a nova aptidão da cidade. Nesse contexto, a vocação turística deu margem para que a cidade fosse desenvolvendo o Turismo sem grandes problemas. No entanto, algumas questões não foram

incorporadas nos projetos de turismo local. A prestação de serviços, a organização e o treinamento da mão de obra foram sendo criados sem substanciais planejamentos. A estrutura foi sendo arquitetada, no entanto, os moradores locais com diversas percepções dessa vocação não necessariamente absorveram o processo.<sup>10</sup>

A partir de 1960 a cidade não conseguiu os grandes investimentos que necessitava para se modernizar e poder enfrentar a concorrência comercial e industrial, cada vez maior. Houve então a grande mudança de rumo na vida do petropolitano e da sua cidade, que se voltou cada vez mais, para a sua tradição histórica e para a urbanização e arquitetura que ficaram de seu passado. E para a beleza e preservação da sua natureza. A cada dia, novas mansões e palácios abriam suas portas para visitação. A Prefeitura de Petrópolis planejou e organizou o setor de Turismo e cultura e uma extensa rede de facilidades foi sendo oferecida ao turista como informa es, eventos, pousadas e hotéis, restaurantes e outras atra es cheias de requinte e particularidades, capazes de atrair o interesse do visitante (Taulois, 2007, s.d.).

Por meio da educa o, tanto o poder público quanto a iniciativa privada vem buscando inculcar os valores histórico-culturais na transforma o da consciência dos habitantes de Petrópolis para que se sensibilizem na recep o de turistas e visitantes, no entanto esse processo   lento. Na contrapartida da valoriza o estão as constru es físicas, patrim nios da cidade. Em todos os bairros, atrativos históricos e culturais v o formando um roteiro com várias interpreta es, ajustando as memórias do Império ao contingente de traços de imigrantes ora instalados nos bairros característicos de suas respectivas culturas.

Na constru o do histórico econ mico da cidade ficaram as fábricas enquanto elementos de intensa mobilidade imigrante. Desde 1883, com as funda es das fábricas, especialmente no ramo têxtil, a cidade começa a caracterizar-se como industrial. No período entre 1900-1930   verificado um considerável aumento nos setores de produ o manufaturada petropolitana. Neste período sedimenta-se o setor industrial têxtil, desdobrando-se nas próximas três décadas em roupas em geral, calçados galões, meias, rendas, entre outras que favoreceram fortemente o comércio na cidade.

Sobre a questão econômica da cidade, Varella (2002) faz algumas considera es, das quais se pode mencionar que, os atuais números de crescimento estão materializados na expansão do Turismo, na consolida o dos polos de comércio das Ruas Tereza e do Bingen. O atual desenvolvimento dos polos comerciais e de serviços abrange Itaipava, o pólo moveleiro do Bingen e o Projeto Petrópolis-Tecn polis, que busca ampliar a questão de emprego e renda, movida pelo desenvolvimento virtual, além da expressiva contribui o do Turismo de casas de temporada.

Mas esse direcionamento ainda precisa ser pensado especialmente quanto a condi es e procedimentos de oferta turística. Por essa razão, busca-se concentrar o olhar para quais são os rumos desse processo frente ao fortalecimento de atra es e amplia o de novos segmentos, usando a voca o turística da cidade e também suas diversidades socioculturais que neste enredo se configuram resistentes ao crescimento e plenitude dos serviços

---

<sup>10</sup> "Em 1979, um grupo de petropolitanos com a cria o de entidades preservacionistas como a APANDE sensibilizou o presidente João Figueiredo, conseguindo que fosse assinado o Decreto 80, em 1981, impedindo demoli es e constru es que descaracterizavam o Centro Histórico. E ele atribuiu   cidade o título de CIDADE IMPERIAL. Com apenas cinco artigos no seu decreto, Figueiredo salvou o que restou da Petrópolis imperial. Nos anos seguintes, em conjunto com os moradores, a Câmara Municipal promulgou um bem elaborado código de posturas municipais que garantiu as tradi es e os valores da cidade" (Taulois, 2007, s.d.).

oferecidos, particularmente no embate do sentido de 'ser turístico' e manter ao mesmo tempo a vida de cidade provinciana.

Essa questão perpassa o uso dos espaços e também uma releitura de sua construção sociocultural, que, ao passo em que se insere num novo cenário, ainda mantém elos de um passado de status industrial e provinciano, pautado nas tradições, hábitos e costumes da época industrial. Não é possível passar de industrial para turística num piscar de olhos, pois, o legado da indústria ainda causa estranhamento na nova concepção da economia. A cidade precisa de uma intervenção pública no que se refere ao aproveitamento dos espaços para o Turismo, tentando manter a herança cultural e ao mesmo tempo propiciar aos turistas o funcionamento dos espaços e atrativos turísticos, não apenas como um embate, mas como um meio de garantir o sucesso dessa vocação econômica, histórica e cultural em que ela se transformou. Um dos maiores problemas visualizados na atualidade é a conscientização da população que ainda vê o turismo como entrave à vida pessoal.

Durante os feriados, festas e demais momentos em que a cidade pode ampliar seus lucros ainda existe significativa resistência em abraçar o processo de recepção dos turistas e visitantes, questão essa que dificulta os turistas que visitam a cidade por mais de um dia. A vocação parece que acabou se transformando em lazer e visitação de um dia, pois, ao ficar na cidade, a maioria dos espaços e atrativos não funciona, deixando a desejar a volta ou a permanência do turista. Modelos de planejamento turístico podem ser implantados na cidade, falta apenas o interesse dos moradores locais, especialmente da iniciativa privada, que, evidentemente não abraçou por completo essa vocação da cidade.

Dessa concepção do que ainda precisa ser feito, Áurea Maria de Freitas Carvalho, diz o seguinte:

Está, portanto, no momento de incrementar as principais vocações do município a seguir no momento: Turismo (cultural e ecológico) e tecnologia, desenvolvê-las racionalmente e de maneira entrosada e harmoniosa e de transformarmos este pronome que usamos de maneira abstrata e indefinida "eles" em "nós" cidadãos petropolitanos que sabemos o que queremos para a nossa cidade (Carvalho, 2002, s.d.).

Faz uma menção às prioridades para cumprir o dever do Turismo cultural: a História.

Quanto ao Turismo movido pelo interesse na informação histórica, o desenvolvimento não pode depender de uma atuação que se limita simplesmente a enumerar e mostrar prédios que foram habitados por gente ilustre ou utilizados para funções importantes. Isto é o que não falta em Petrópolis, onde o mais importante é, naturalmente, o antigo palácio de verão do Imperador, atual Museu Imperial. Seguem-se casas de veranistas ilustres, embaixadores, políticos, artistas - existem ruas inteiras tombadas: rua do Imperador, avenidas Koeler e Ipiranga etc. (Carvalho, 2002, s.d.).

Nessa perspectiva, enumera o que acredita faltar para a cidade e para a própria idéia de vocação, incluindo os moradores locais. Neste processo inclui a organização minuciosa de informações acerca dos prédios públicos, atentado para sua estrutura e acesso, além do entorno e condições apresentáveis ao turista. Nessa análise faz a correlação de muitas memórias e heranças não vislumbradas pelo Turismo, necessárias à sua organização histórica, como a produção industrial de tecidos, relevante momento da história econômica da cidade, o complexo da fábrica de Cascatinha, que precisa de restaurado; o edifício da fábrica São Pedro de Alcântara, representante da época áurea da indústria têxtil, a fábrica Werner, ainda em

funcionamento e modernizada, mas que guarda o edifício e outros vestígios das atividades e do modo de vida no passado. Além desses edifícios e pertences, há elementos elucidativos e comprobatórios que é preciso resgatar, documentos, manuscritos, memórias desse tempo. Outras necessidades ainda a serem resgatadas são:

Os vestígios de certas atividades que, embora exercidas apenas por artesãos, tornaram-se famosas e mundialmente conhecidas, como as bengalas confeccionadas por Carlos Spangenberg (citadas até pelo grande romancista português Camilo Castelo Branco) e os cristais trabalhados por Sieber. Também na área das artes há nomes e produções que precisam e devem ter sua origem lembrada e exaltada, como Madalena Tagliaferro, Guerra Peixe e tantos outros. Houve também inventores e invenções de origem petropolitana, antigos e modernos (ex.: Sterilair) e que precisam ser resgatados. (Carvalho, 2002, s.d.)

Desse enredo de necessidades para melhorar o Turismo por meio da história do seu povo, Áurea Carvalho (2002) faz uma representativa colocação, merecedora de louvor:

Nós petropolitanos, de nascimento ou adoção, precisamos conhecer e resgatar este lado da história, para nossa própria ilustração e para podermos divulgar e/ou elucidar as pessoas de fora, a fim de que não se percam fatos importantes ou pitorescos da nossa vivência, da de nossos avós ou bisavós... Se há alguma coisa capaz de chamar turistas, tanto nacionais como estrangeiros, é essa característica de Petrópolis: a sua história (s.d.).

Na busca da formação histórica da atividade pode-se dizer que, nas correlações entre a aptidão e a vocação a cidade passou de industrial para turística, resta agora incorporar essa vocação, modificando os papéis e formas de entender a economia e a cultura não como dicotômicas e impactantes, mas como um processo a se desenvolver, especialmente envolvendo a população e criando o olhar para os aspectos positivos que esse novo papel pode ter não apenas para sua vida, mas para a região, o Estado e até mesmo o país. A educação e a iniciativa privada têm muito a absorver desse processo, mas todos devem ser envolvidos e juntos ampliem suas possibilidades para manter o passado e o presente num futuro promissor.

## REFERÊNCIAS

Bade & Duriez. (1993). *Conhecendo Petrópolis*. Petrópolis: Gráfica Serrana.  
Barretto, M. (2000). *Turismo e legado cultural*. Campinas, SP: Papirus.

Bauernfest. *Um pouco de história da Bauernfest com Emygdia Hoelz*, domingo, 7 julho 2013. Disponível em: <<http://bauernfest.allenweb.com.br/um-pouco-de-historia-da-bauernfest-com-emygdia-hoelz/>>. Acesso em 10 de janeiro de 2014.

Boyer, M. (1999). *História do turismo de massa*. Bauru: Edusc.

Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*. Lisboa: Difel.

Camargo, H.L. (2007). *Uma pré-história do Turismo no Brasil: recreações aristocráticas e lazers burgueses (1808-1850)*. São Paulo: Aleph.

CARVALHO, Á.M.de F. (2002). *Turismo histórico*. Disponível em: <[http://www.ihp.org.br/lib\\_ihp/docs/amfc20021019.htm](http://www.ihp.org.br/lib_ihp/docs/amfc20021019.htm)>. Acesso em 12 de maio de 2012.

Castells, M. (1999). *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra.

Consulado Geral do Japão no Rio De Janeiro. (2010). *O primeiro Bunka Sai – Festa da Cultura do Japão em Petrópolis*. 04.09.2009. Disponível em: <<http://www.rio.br.emb-japan.go.jp/>>. Acesso em 13 de março de 2010.

Daibert, A.D. (2010). *História do Turismo em Petrópolis entre 1900 e 1930*. Dissertação. Mestrado em História Contemporânea do Brasil. FGV-CPDOC-PPHPBC.

De Cusatis, J. (1993). *Os Italianos em Petrópolis*. Petrópolis: Câmara Municipal.

Fundação de Cultura e Turismo de Petrópolis. (2010). *Conheça Petrópolis*. Aqui você vai encontrar uma boa história para contar. Petrópolis.

Grinover, L. (2003). Hospitalidade e qualidade de vida: Instrumentos para a ação. In: Bueno, M. S. & Dencker, A. de F.M.(org.). *Hospitalidade: Cenários e oportunidades*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

Hall, S. (2000). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.

Halbwachs, M. (1990). *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, Revista dos Tribunais.

IPHAN. (1976). *Carta do Turismo Cultural*. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=248>>. Acesso em 12 de outubro de 2013.

Lima, P.F. de S. (2001). *Petrópolis: progresso e tradição nos trabalhos da memória*. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro / Departamento de História.

Machado, Antonio. (1941). *Açorianos em Petrópolis*. Trabalhos da Comissão do Centenário de Petrópolis, V. IV, pp. 171-174. Disponível em: <<http://www.ihp.org.br/ihp/site/>> Acesso em 14 de julho de 2011.

Malinowski, B. (1976). *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. São Paulo: Abril Cultural.

Martins, I. (1978). *Subsídios para a história da industrialização em Petrópolis. 1850/1930*. Petrópolis: Gráfica da Universidade Católica de Petrópolis

Mesquita, P.P.A. (2012). *A formação industrial de Petrópolis: trabalho, sociedade e cultura operária (1870-1937)*. Dissertação (Mestrado em História) –Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

Oliveira, P.R.M. de. (2004). *Os primeiros italianos em Petrópolis*. Petrópolis no Século XX Disponível em: <[http://petropolisnoseculoxx.zip.net/arch2006-11-01\\_2006-11-30.html](http://petropolisnoseculoxx.zip.net/arch2006-11-01_2006-11-30.html)>. Acesso em 12 de agosto de 2010.

ROLNIK, R. (1992). História urbana: história da cidade? In: Fernandes, A. & Gomes, M.A. *Cidade & História*. FAU- UFBA.



Schwarcz, L.M. (1998). *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras.

Seyferth, G. (2000). A imigração alemã no Rio de Janeiro. In: Gomes, Â. de C. *Histórias de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7 Letras.

Seyferth, G. (1990). *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: Editora UnB.

Tuan, Y. (1980). *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel.

Taulois, A.E.de A. (2007). *História de Petrópolis*. Disponível em: <<http://guiadepetropolis.wordpress.com/historia-de-petropolis/pag02/>>. Acesso em 11 de julho de 2011.

Varella, F. (2002). *Petrópolis-Tecnópolis*. In: Varella, F. et al. *Desenvolvimento sustentável em Petrópolis*. Petrópolis, RJ: Vianna e Mosley.

**Recebido em 13.03.2014**

**Revisões pelo autor: maio**

**Aprovação: 07.07.2014**